

A IMPLANTAÇÃO DE UM CENTRO DE INSTRUÇÃO DE CAÇADORES NO EXÉRCITO BRASILEIRO

1º Tenente Eduardo Roberto Merlim de Souza

O autor agradece a coautoria do 1º Tenente Yago Sabóia Mendes e a orientação do Capitão Arnaldo Sobanski III

O 1º Tenente de Infantaria Merlim é chefe do Centro de Simulação Virtual (simulador de tiro) e comandante de pelotão da 1ª Companhia de Fuzileiros do 20º Batalhão de Infantaria Blindado. Foi declarado, em 2014, aspirante a oficial pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), tendo realizado nessa escola de formação o Estágio de Caçador Militar e o de Escalador Militar em 2013. Possui o Curso Básico Pára-quedista, realizado na Brigada de Infantaria Pára-quedista, no Rio de Janeiro. Foi instrutor de estágios de caçador militar na AMAN e no Comando Militar do Sul, no período de 2014 a 2017. Participou da Missão de Segurança dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio-2016 (eduardo.merlim.2014@gmail.com).



A Guerra do Iraque, iniciada em meados de 2003, foi um conflito que chocou o mundo. Motivado pela chamada “guerra contra o terror” efetuada pelos Estados Unidos da América (EUA), ganhou grande repercussão no cenário mundial, além de provocar discussões acirradas sobre as formas modernas de se combater.

Esse conflito foi baseado nas técnicas, nas táticas e nos procedimentos da guerra irregular, como os conceitos de assimetria e de imprevisibilidade, aliados ao rápido avanço tecnológico implementado na linha bélica. Nele, teve destaque também o largo emprego de atiradores de elite [1] nas operações desenvolvidas na região.

Monte Morin, repórter do jornal americano *Stars and Stripes*, descreveu a rotina de um lendário atirador de elite que passou a perseguir as tropas americanas durante aquele conflito.

Segundo o repórter, no Iraque, país em que caracteristicamente os rumores de guerra se tornavam realidade e os relatos iniciais de

combate quase sempre eram errôneos, pouco se pôde fazer para parar a lenda de Juba, o franco-atirador, ou Juba “the Sniper” [2].

Durante quase dois anos, páginas da web administradas por grupos islâmicos, histórias em quadrinhos, vídeos e canções exaltaram os feitos de *qannas baghdad*, o *sniper* insurgente, epíteto dado ao atirador a quem são creditadas inúmeras mortes de soldados ocorridas em Bagdá, a capital iraquiana.

Conforme essa história de guerra com traços de lenda, Juba teria sido capturado pelo menos duas vezes, somente para fugir novamente, em um estilo “Freddy Krueger”, como mencionado na propaganda dos insurgentes e nos briefings das patrulhas americanas.

Segundo o autor do relato – Bobbie, um intérprete iraquiano que trabalhou para as tropas norte-americanas –, o atirador realmente existiu e matou diversas pessoas no Iraque. Ele teria sido treinado no tempo de Saddam Hussein e possuía a capacidade de atingir alvos que estivessem caminhando, correndo ou mesmo se deslocando em veículos (Morin, 2007).

Há tempos o Exército Brasileiro (EB) observa a importância incontestável desse tipo de atirador nos conflitos recentes. Em função disso, iniciou um trabalho pioneiro para desenvolver conhecimentos e doutrinas sobre o atirador de precisão. Inicialmente, especialistas em tiro efetuaram pesquisas que embasaram o conteúdo da primeira instrução ministrada sobre o tema “Caçador”. Ocorrida no ano de 1973, na Seção de Instrução Especial (SIEsp) da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), a instrução sagrou-se como o evento precursor dessa atividade no Brasil.

No ano de 1998, o Estado-Maior do Exército (EME) realizou modificações no quadro organizacional de algumas das unidades operacionais do EB. Criou e introduziu, na estrutura organi-



zacional dos batalhões de infantaria, uma turma de caçadores composta por quatro militares especializados.

Na mesma ocasião, a AMAN recebeu a missão de confeccionar o documento que se tornaria o primeiro do Exército a tratar especificamente do atirador de precisão: as Instruções Provisórias IP 21-2 – O Caçador.

Apesar do excelente trabalho desenvolvido com as informações disponíveis na época, esse documento mostrou-se insuficiente para regulamentar a formação do caçador, uma vez que deixou de tratar de temas importantes, como a formação básica desse profissional.

Durante o ano de 2000, o instrutor-chefe da Seção de Tiro da AMAN desenvolveu pesquisas voltadas para a formação do caçador no EB. Essa iniciativa originou o projeto “Caçador da AMAN”, que produziu diversos frutos, tais como: experimentações doutrinárias sobre o emprego tático e técnico peculiar desse tipo de atirador; estudos e pesquisas sobre o sistema de armas (fuzil, luneta e munição) a ser utilizado por esse profissional; e o desenvolvimento de um fuzil de fabricação nacional, o AGLC (Athos Gabriel Lacerda de Carvalho), produzido pela IMBEL [3].

O projeto “Caçador da AMAN” foi extremamente importante, pois otimizou a logística necessária para a produção do fuzil AGLC diretamente na indústria nacional (Ribeiro Paiva, 2013).

A formação do caçador foi conhecida de modo efetivo somente após o envio de um oficial do EB a uma escola especializada nos EUA – a *United States Army Sniper School* –, com a finalidade de realizar o curso de *sniper* diretamente no Exército daquele país, tendo sido o único militar estrangeiro a se formar na escola até aquele momento. A bagagem adquirida então foi essencial para alavancar o projeto Caçador no âmbito do EB (Ribeiro Paiva, 2013).

No ano de 2002, o primeiro *sniper* brasileiro desenvolveu, em conjunto com outros militares, o primeiro programa-padrão (PP) para formação de caçador, logo inserido no sistema de instrução militar do Exército Brasileiro. Esse programa norteou a execução do primeiro estágio avaliado de caçador militar a funcionar dentro da estrutura do EB, realizado na Seção de Tiro da AMAN com duas semanas de duração.

Atualmente, esse mesmo PP continua sendo utilizado pela AMAN e pelos comandos militares de área (C Mil A), na formação da massa crítica dos oficiais e dos sargentos caçadores do EB. Com base na doutrina norte-americana, o EB produziu o Manual de Técnica de Tiro do Caçador, uma adaptação do *Sniper Training*, ou manual FM 23-10. Nessa ocasião, as IP 21-2 foram substituídas pelo caderno de instrução “O Caçador”, integralmente elaborado pela Seção de Tiro da AMAN. Tratava-se de um documento doutrinário de bases sólidas e relacionado ao tema, que passou a vigorar no EB (Ferreira, 2002).

Apesar de todo o estudo e implementações realizados, o EME, na época, não homologou o Estágio de Caçador. A despeito disso, o estágio continua ocorrendo por iniciativa da Seção de Tiro da AMAN, em um período de duas semanas, tendo, contudo, um nível muito aquém da formação similar existente em escolas de outros países.

A ATUAÇÃO DOS SNIPERS NO EXÉRCITO NORTE-AMERICANO

A importância da atividade de caçador para um exército é melhor entendida após uma análise do modo como ela acontece em países que a empregam ou já a empregaram em combates.

Os EUA, respeitados mundialmente como a maior potência militar da atualidade, têm utilizado o *sniper* sistematicamente nos diversos combates de que participam.

O emprego do caçador, por ser esse um tipo de militar de alta letalidade e

poder de combate, traz à tropa apoiada a confiança e a segurança necessárias para patrulhar as ruas em meio a cenários completamente imprevisíveis, repletos de ameaças que podem surgir a qualquer momento e de qualquer direção (Powers, 2017).

O Departamento de Defesa dos EUA estimou que, na Guerra do Vietnã, um soldado americano comum, utilizando fuzil de assalto, gastava em média cinquenta mil munições para neutralizar uma ameaça, enquanto um atirador de elite, utilizando seu sistema de armas, gastava apenas 1,3 tiro; e, segundo estatísticas do

Exército Americano, o atirador de elite possui 80% a mais de eficácia ante alvos localizados a 600 metros, se comparado com um soldado médio ante alvos situados a 300 metros (Powers, 2017).

A *United States Army Sniper School*, localizada em Fort Benning, no estado da Georgia, é o principal centro de formação de *snipers* do Exército dos EUA. Nesse estabelecimento de ensino, referên-

cia mundial por sua excelência e pelo padrão do conhecimento que transmite, o curso de formação de *snipers* habilita todos os militares voluntários a desempenhar essa função durante os combates. O curso tem duração de cinco semanas e ocorre, em média, seis vezes por ano, com cerca de 25 militares concludentes em cada turno.

O curso forma o *sniper* em suas capacidades básicas, devendo o militar recém-formado levar os conhecimentos adquiridos para adaptação e emprego em suas unidades de origem (Ferreira, 2002).

Em que pese tratar-se de um armamento de fabricação nacional, o fuzil AGLC não existe em quantidade suficiente para suprir todas as unidades que atuam na formação dos caçadores militares, sendo necessária a realização de parceria entre o EB e a indústria nacional visando a aquisição de armas em quantidades suficientes para atender a todas as demandas.

A FORMAÇÃO DO CAÇADOR MILITAR NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Os caçadores militares brasileiros vêm sendo formados pela AMAN há quase 20 anos, apesar de o estágio nunca ter sido homologado pelo EME e de a função de caçador continuar prevista no quadro organizacional das unidades de infantaria. Diante desse quadro, os próprios Comandos Militares de Área (C Mil A) passaram a providenciar a formação de seus caçadores, baseando-se nos documentos e métodos utilizados no estágio ministrado pela AMAN; porém, é possível constatar oportunidades de melhoria resultantes dessa formação descentralizada (Ribeiro Paiva, 2013).

O Centro de Instrução de Operações Especiais, subordinado ao Comando Militar do Planalto, forma caçadores voltados para a atuação em operações especiais. Contudo, o número dos profissionais formados é incapaz de suprir as necessidades do EB.

A formação de caçador, por ser atividade recente no Brasil, ainda não é suficiente para criar uma massa crítica que atenda à demanda das diversas unidades do EB quanto ao preenchimento de seus quadros organizacionais (Ribeiro Paiva, 2013).

A sistemática de formação de caçadores atualmente implementada no Brasil, com base em estágios descentralizados, esbarra em três problemas básicos: o número insuficiente de instrutores habilitados; a carência de material de apoio e de estruturas físicas adequadas nos C Mil A; e a ausência de uma base doutrinária padrão para orientar tal formação.

Alguns instrutores dos estágios organizados nos C Mil A não possuem os conhecimentos ensinados no estágio realizado na AMAN, fato que compromete a padronização das informações a transmitir.

A ausência de uma base doutrinária sólida, a carência de material de apoio e a inadequação das estruturas físicas inviabilizam a transmissão adequada do conhecimento mínimo necessário para o desempenho da atividade. Isto resulta na formação, em diversos C Mil A, de caçadores com um domínio técnico inferior ao dos que são formados na AMAN, além de gerar conflitos na formação básica dos atiradores de elite.

Esses conflitos ficam evidentes quando se verifica a ocorrência, nos estágios de caçador, de instruções não previstas no programa-padrão, ou mesmo de instruções equivocadas. É o caso de instruções cujos objetivos não são atingidos, como a de avaliação de distâncias, que tem por finalidade ensinar o

futuro atirador a aferir distâncias desconhecidas. Essa instrução acaba sendo ensinada sem um rigor técnico maior, limitando-se a um nível similar ao ministrado na instrução de acuidade visual e auditiva que integra a formação militar básica em vigor no EB.

Outro problema observado nos estágios de área é o fato de não

existir a quantidade mínima necessária do sistema de armas do caçador. de estágios com armamentos inadequados, como o Fuzil Automático Leve (FAL) adaptado com luneta de pontaria tipo *OIP 3,6x (Optique et Instruments de Précision*, na expressão em francês). O militar formado em tal estágio, embora passe a ser considerado um caçador e a exercer essa função na sua unidade, não está plenamente capacitado para desempenhar as atividades de um *sniper* profissional (Ribeiro Paiva, 2013).

Atento a essa necessidade e com o intuito de suprir a demanda de suas unidades, o Exército Brasileiro adquiriu armas de modelos variados, inclusive algumas de

A criação e a implementação de um centro de instrução de caçadores dentro da estrutura do Exército Brasileiro, que possibilite a padronização da formação, assim como, o aumento da quantidade de caçadores, é mais que uma necessidade, é uma imposição dos combates modernos

fabricação estrangeira utilizadas por outros exércitos nas atividades de *sniper*.

Por fim, o EB escolheu o fuzil AGLC [4], fabricado pela IMBEL, por considerá-lo o armamento que melhor atende às necessidades do *sniper* brasileiro.

Em que pese o fato de o AGLC ser fabricado no Brasil, a quantidade disponível desse fuzil não é suficiente para suprir as necessidades de todas as unidades que formam caçadores militares. Essa dificuldade poderia ser contornada pelo estabelecimento de parcerias entre o EB e a indústria nacional, com o objetivo de aumentar a produção desse armamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O emprego do caçador em operações militares, além de implicar uma economia considerável de munição, aumenta o moral da tropa apoiada, em função do sentimento de segurança que proporciona a esta.

Uma visão comparativa entre a função de *sniper* vigente no EB e a existente no Exército dos EUA coloca em evidência o nosso atraso quanto ao seu emprego, tão importante e constante nos combates atuais.

O Exército Americano, que atualmente é a força militar mais empregada em combates no mundo, tem como uma de suas prioridades a utilização de *snipers* nas operações, a ponto de manter uma escola própria para a formação desses profissionais, a *Sniper School*.

Já no Exército Brasileiro existe uma grande preocupação no sentido de se utilizar o

caçador nas operações, seja em combate, seja nas missões das forças de pacificação ou, ainda, na segurança dos grandes eventos. Essa preocupação se justifica pela constatação de que o adestramento do militar como caçador muitas vezes não é o mais adequado para o desempenho dessa função.

Nesse contexto, existe a necessidade de investimentos na capacitação técnica do caçador, por ser ele uma importante ferramenta de combate. Um aperfeiçoamento inicial deve ser a padronização das atividades de ensino, o que, em um primeiro momento, evitará as diversas contrariedades e as falhas já apontadas no processo de formação.

Portanto, é extremamente importante que ocorra a centralização da formação do caçador de modo a homogeneizar as técnicas, as táticas e os procedimentos inerentes à função. Isso, além de otimizar o processo de formação, possibilitará o emprego efetivo das equipes de caçadores previstas nos quadros organizacionais das unidades. Trata-se de um sistema de combate extremamente eficiente que deve ser explorado pelo Exército nas operações.

Nesse contexto, a criação e a implementação, na estrutura do Exército Brasileiro, de um centro de instrução de caçadores que promova uma formação padronizada, e que forme um número maior desses profissionais, é mais que uma necessidade. É, sobretudo uma imposição dos combates modernos.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. Seção de Tiro. **Instruções teóricas do estágio do caçador 2002**. Resende: Acadêmica, 2002.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA. **Caderno de Instrução 21-2/2: O Caçador**. 1. Ed. Brasília: EGGCF, 2006.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. FM 23-10: **Sniper Training**. Georgia, 1994.
- FERREIRA, G. G. **Relatório de curso de sniper no exército americano**. Resende, 2002.
- RIBEIRO PAIVA, T. M. M. **Relatório do primeiro seminário de caçadores AMAN/2013**. Resende, 2013.
- POWERS, Rod. **An Overview of Army Sniper School**. Julho, 2017. Disponível em: <<https://www.thebalance.com/army-sniper-school-3345043>>. Acesso em 3 de julho de 2017.
- MORIN, Monte. **A legenda de juba o sniper persegue as tropas americanas no Iraque**. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://www.defesanet.com.br/sof/noticia/1264/A-Legenda-de-Juba-o-Sniper-Persegue-as-Tropas-Americanas-no-Iraque>>. Acesso em: 28 de junho de 2017.

NOTAS

[1] Atiradores de elite são agentes dotados de perícia no tiro a longas distâncias que, sozinhos ou em duplas, têm a capacidade de desestabilizar a zona de combate.

[2] *Juba* foi a alcunha atribuída pelas forças de ocupação no Iraque a um franco-atirador da resistência iraquiana. Seu nome se tornou popular a partir de uma matéria do jornal britânico *The Guardian*, publicada em 5 de agosto de 2005. Segundo a matéria, o *modus operandi* desse atirador consistia em postar-se de forma oculta em um local a cerca de 200 metros de suas vítimas, efetuar um disparo e evadir-se rapidamente.

[3] O IMBEL AGLC (Fuzil .308 IMBEL AGLC, na designação do Exército Brasileiro) é um fuzil de precisão baseado na ação *Mauser*, criado pelo Coronel de Infantaria Athos Gabriel Lacerda de Carvalho e fabricado pela IMBEL, com o objetivo de equipar os caçadores das unidades do Exército Brasileiro e os *snipers* das Polícias Militares.

[4] IMBEL (Indústria de Material Bélico do Brasil) é uma empresa pública vinculada ao Ministério da Defesa por intermédio do Comando do Exército. Produz armas, munições, explosivos, equipamentos e outros itens destinados às áreas de defesa e segurança.



Há 5 anos falando de doutrina.

O sucesso da Doutrina Militar Terrestre em Revista depende muito de você!

Compartilhe conosco a sua opinião, escreva um artigo!



<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/DMT/issue/archive>

dmtrrevista@coter.eb.mil.br

(61) 3415-5014 RITEx 860-5014

Endereço: QGEx Bloco H 3º Piso, Setor Militar Urbano, SMU - Brasília, DF, 70655-775